



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dj@dabr.com.br

Olimpíada de matemática

O meu neto Judá, de 7 anos, chegou em casa com uma notícia impactante: ele havia sido escolhido para ser o representante da sala em uma olimpíada de matemática com todas as segundas séries do colégio. A novidade causou, a um só tempo, alvoroço e apreensão. E isso porque Judá é do signo de câncer, sujeito a fortes emoções e dificuldades em lidar com as perdas.

Não foi só em casa que a escolha suscitou receios. O próprio professor que o indicou ficou com uma ponta

de cima e perguntou ao Judá como ele reagiria em caso de uma derrota no concurso. Em vez de acalmar os ânimos, a resposta do atleta olímpico da matemática só botou mais dúvida na cabeça do mestre e de todos os familiares: "Sinceramente, não sei como vou reagir".

Com isso, instalou-se um suspense de matar o Hithcock, diria Moreira da Silva. Mãe, avós e tios se mobilizaram para treinar Judá nas contas, simulando as mais variadas situações possíveis. O evento poderia ser uma glória ou uma frustração na vida da criança. Então, todos não mediram esforços para prepará-lo da melhor maneira possível para a disputa.

Durante vários natais, eu tive de vestir e me investir de Papai Noel para

divertir as crianças. Vocês que nunca representaram o papel não têm ideia de como é complicado. Primeiro, a gente pega uma roupa comprada em loja com artigos de 1,99, que fica guardada o ano inteiro em um saco. O cheiro de borraça estragada da barba é terrível. Como se não bastasse, a produção é exigente nos mais ínfimos detalhes.

Impõe uma pança de travesseiros que escorregam o tempo todo e ameaçam estragar com toda a brincadeira. Para quem não viveu a experiência, eu vos garanto que é um sufoco. Depois disso, passei a valorizar muito mais o desprezado ofício do ator. No entanto, valia a pena todo sacrifício, pois quando eu passava de relance pela janela de vidro, depois da meia-noite, com todas as

luzes apagadas, as crianças emitiam intrépidos grunhidos de felicidade que me atingiam em cheio.

Felizmente, me vi livre do desafio porque, apesar de emotivo, Judá tem a mente racional, feita à matemática e desconfiou: "Mas me digam uma coisa, não entendo como Papai Noel traz presentes. Por onde ele entra se a nossa casa não tem chaminé?"

Com isso, resolvermos não mais promover a aparição de Papai Noel durante a noite de Natal e me vi liberado da árdua incumbência. Sem isso, apesar de todo o transtorno, não teria coragem de dizer não. Mesmo porque, em uma hora de aperto, o assunto pode render uma crônica salvadora.

Mas voltemos à olimpíada de matemática, tema da história. A mãe de

Judá foi buscá-lo na escola, preocupada, tensa e aflita com o que poderia ter acontecido. E se ele perdesse a competição, o que aconteceria? Cairia em um choro difícil de conter? Ficaria abalado? Não seria melhor evitar expô-lo a situações delicadas como essa? Com essas dúvidas dramáticas na cabeça, ela dirigiu-se à escola.

E, finalmente, o Judá saiu e anunciou: "Tenho boas notícias". A mãe logo ficou animada em eliminar o motivo da angústia. E ele continuou: "Fiz uma coisa muito legal hoje, descobri umas casinhas de caramujo e fiquei procurando o tempo todo em vários lugares da escola". Sem conter a ansiedade, meio irritada, ela perguntou: "E a olimpíada de matemática????". "Ah, eu ganhei", respondeu Judá, desinteressado.

» Entrevista | JOSÉ GUILHERME BRENNER | PRESIDENTE DA AGROBRASÍLIA

Ao CB. Agro, representante do setor agropecuário do DF antecipou algumas novidades da AgroBrasília deste ano, que contará com mais expositores e um ambiente específico de inovação tecnológica no campo, com destaque para as startups

Feira deve atrair 170 mil pessoas

» JOSÉ ALBUQUERQUE*

O presidente da AgroBrasília, José Guilherme Brenner, convidado de ontem do CB Agro — parceria do Correio com a TV Brasília — comentou sobre a 16ª edição do evento, realizado de 20 a 24 de maio na Cooperativa Agropecuária da Região do Distrito Federal (Coopa-DF). Aos jornalistas Roberto Fonseca e Jaqueline Fonseca, o representante do setor agropecuário do DF disse que o evento contará com 600 expositores e tem a estimativa de atrair 170 mil pessoas, durante os cinco dias de programação. Brenner abordou a atuação feminina no campo, tema que terá programação específica no próximo sábado, e o impacto da gripe aviária no agronegócio do DF, fato que levou a organização a vetar a presença de galinhas no evento.

Quais são as novidades da edição de 2025?

A AgroBrasília é um lugar onde se tem novidade todo ano, em qualquer edição. A gente tem um grupo de expositores cujo grande interesse é trazer o que há de novo, o que há de melhor para o produtor rural. Então, de certa maneira, a feira já é uma feira de inovação. Além disso, nós temos, um ambiente específico para tratar de um tipo de inovação, que são as startups, que se chama iTEC. É um ambiente de inovação tecnológica, onde algumas startups da nossa região, que produzem algo específico para nós, vão estar localizadas, para o nosso produtor poder conhecer.

Como vai funcionar esse atendimento ao produtor? Ele vai indicar as necessidades dele ou está lá mais para conhecer as experiências que as startups vão oferecer?

Ele vai lá para conhecer as experiências que elas (startups) estão oferecendo. Já tem um grupo de startups que vai levar seus

produtos, aí o produtor vai poder ter esse conhecimento. A gente tem, na nossa cooperativa, um programa com a ABDI (Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial). Algumas empresas se candidataram, foram selecionadas, e essas empresas, durante um período de 18 meses, vão desenvolver produtos junto a produtores que indicamos da cooperativa.

Ano passado vocês sinalizaram R\$ 5 bilhões em negócios. Qual a expectativa para este ano, em relação a negócios, expositores, visitantes?

A feira já está na 16ª edição. Já é um evento tradicional. O público de Brasília conhece muito. Ano passado, tivemos em torno de 170 mil visitantes. Esperamos manter esse número. Tivemos 570 expositores e, este ano, teremos 600. Esperamos que muitos negócios aconteçam na feira. A ideia é proporcionar um lugar onde o expositor mostre seu produto, o produtor veja, e a gente valorize muito as instituições

Bruna Gaston CB/DA Press



Aponte a câmera do celular e veja a entrevista

financeiras que estão presentes, muitas vezes, para viabilizar os negócios. Durante a feira, todos esses participantes se disponibilizam para fazer negócios, trazendo ofertas, crédito diferenciado, produtos com preço especial. E a gente espera que esses negócios aconteçam. O produtor rural é um empresário, é um empreendedor. Ele precisa estar sempre renovando seu parque de máquinas, buscando novidades para continuar sendo produtivo, para não perder produtividade.

Como a atuação feminina no campo estará presente na feira?

A gente tem um movimento

grande aqui na nossa região para fortalecer a presença das mulheres no agro. Esse é um fato que já acontece naturalmente. Eu, que já estou há algum tempo nisso, lembro que só havia homens na agricultura. Todo mundo que ia vender ou prestar algum serviço era sempre um público muito masculino. Agora, de uns anos para cá, a gente percebe cada vez mais a presença das mulheres no agro, seja prestando serviços, seja fazendo vendas ou, inclusive, gerenciando fazendas. A gente acha importante fortalecer isso. A presença feminina traz uma perspectiva diferente, uma integração maior, uma nova visão para o negócio. No sábado de manhã, temos uma programação voltada para o público feminino, que está sendo organizada junto com o Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas

Empresas) e com o nosso comitê. Dentro da cooperativa, temos um comitê feminino que trata exatamente dessa questão.

Qual é o nível de preocupação que o agronegócio no DF deve ter com a gripe aviária? Existe algum alerta?

Com certeza há alerta. É preocupante. Ao mesmo tempo, a gripe aviária é um vírus que circula no mundo há muitos anos. O Brasil, por conta das suas medidas sanitárias, conseguiu evitar, até agora. Aconteceu esse fato, mas acredito que o Brasil tem, hoje em dia, uma defesa sanitária muito robusta. A China não é nosso maior comprador. Nossos principais compradores são os países árabes, depois o Japão, o México. Então, ainda não sabemos exatamente como esses outros países vão reagir. Sabemos

O produtor rural é um empresário, é um empreendedor. Ele precisa estar sempre renovando seu parque de máquinas, buscando novidades para continuar sendo produtivo, para não perder produtividade"

que vai haver impacto. O Distrito Federal é uma região que realmente cria bastante frango. A maior pauta de exportação do DF é o frango, destinado principalmente aos Emirados Árabes Unidos. Além disso, haverá impacto também no milho. Vamos colher agora uma segunda safra de milho, e o preço está diretamente ligado à ração, que por sua vez está diretamente ligada à criação de frango. O impacto mais imediato na feira, que eu conversei com a secretária, foi a proibição da presença de galinhas. Normalmente, na área da Emater (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), que organiza os circuitos tecnológicos, há demonstrações com galinhas. Este ano, isso não será possível.

*Estagiário sob a supervisão de Márcia Machado

Arroz e feijão adaptados ao Cerrado

Ed Alves CB/DA Press



Estrutura da exposição foi montada no Parque Ivaldo Cenci para receber o público

» LUIZ FELLIPE ALVES*

A AgroBrasília reúne produtores, expositores, empreendedores e consumidores de todo o Brasil para conhecer as novidades do setor agropecuário. A 16ª edição do evento começa na próxima terça-feira e promete entregar inovação ao público. O evento tem entrada gratuita e acontece no Parque Ivaldo Cenci, no Paranoá.

A Embrapa estará presente apresentando novos tipos de arroz e de feijão, pesquisados e desenvolvidos para atender pequenos produtores do Cerrado, com preços reduzidos, maior qualidade dos grãos e produtividade. O Correio foi à AgroBrasília conhecer as cultivares, tão presentes nos pratos dos brasileiros e dos brasileiros.

O arroz de terras consiste em uma espécie adaptada ao sistema de irrigação de pivô central, utilizado para levar água a grandes áreas de forma uniforme. O pesquisador fitotécnico da Embrapa Arroz, Mabio Lacerda, explicou as

características desse novo tipo de plantação. "Esse arroz possui tolerância à doenças, resistência a quedas das hastes, e não perde a qualidade dos grãos", enumerou.

O pesquisador destacou que, com a tecnologia implementada, o arroz do DF consegue se equiparar à produção do Rio Grande do Sul. "Na tragédia do ano passado, fomos acionados para tentar substituir essa produção que foi atingida. Com essas características, conseguimos descentralizar a produção", afirmou.

A Embrapa também trabalhou em dois novos tipos de feijão: o grão rosinha e o grão carioca. Assim como o arroz, a pesquisa realizada para esses tipos de leguminosas também prezam pela conservação e melhor taxa de produção dos grãos. Leonardo Melo, pesquisador da Embrapa Feijão, contou que, devido às características adquiridas, possuem alto valor agregado. "Com o feijão convencional, o produtor colhe e tem que vender o mais rápido possível, independentemente da

situação do mercado. Com essa pesquisa que desenvolvemos, o produtor pode esperar até seis meses antes de começar a escurecer os grãos", assegurou.

O secretário de agricultura do Distrito Federal, Rafael Borges, avalia que o produtor do DF precisa de tecnologia. "Como não existe a possibilidade de ampliar o espaço de produção, tecnologias que os ajudem a produzir mais são muito importantes", complementou.

Ele também comentou sobre os projetos com pequenos e médios produtores, garantindo mais investimento para essa cadeia de produção. "Este ano o governo está muito focado na agroindustrialização, que é a agregação de valor aos produtos dos pequenos produtores, seja na questão dos ovos caipiras, seja na questão do queijo e até mesmo no vinho, que é uma cadeia muito importante para o Distrito Federal".

*Estagiário sob a supervisão de Márcia Machado